



O colega Orlando Monteiro da Silva, Bastonário da Ordem dos Médicos Dentistas, disse na sessão solene do último Congresso realizado em Lisboa, que nos próximos quatro anos o número de médicos dentistas vai duplicar, atingindo aproximadamente os dez mil membros.

Este facto faz-nos reflectir e pensar no futuro da classe.

Relembrar que os médicos dentistas, maioritariamente jovens, têm hoje mais complicada a inserção na vida profissional activa. Esta continua a ser quase exclusivamente privada, e talvez assim continue por muitos anos, apesar das palavras de esperança deixadas na referida sessão solene pelo Senhor Ministro da Saúde.

Em consequência, a concorrência é feroz e torna-se necessário obter formação específica em múltiplas áreas científicas, o que era bem patente na exposição comercial do Congresso, em que a oferta de cursos de actualização ou formação contínua, organizados por entidades privadas, em Portugal ou noutros países, era enorme.

Isto sem contar com a formação pós-graduada, conducente ou não à obtenção de grau académico, oferecida pelas diferentes Faculdades de Medicina Dentária, e que se vai tornar na sua principal função num futuro não muito distante.

Apesar do elevado número de licenciados e da quantidade da oferta em formação, que está a atingir tal exagero que poderá não ser sustentável quer em termos económicos, quer em nível de qualidade científica, nas Universidades, e particularmente nas Faculdades de Medicina Dentária, o que parece ser uma “ameaça” é a previsível redução do número de alunos nos primeiros anos. Na FMDUP, por exemplo, apesar de entrarem 65 a 90 alunos para o primeiro ano, as recandidaturas ao ensino superior, nomeadamente para ingresso em Medicina, têm conduzido a que, nos segundo e terceiro anos, já só frequentem as aulas menos de 40 alunos por ano. E é certo que a situação se vai “agravar” no futuro próximo.

Tudo isto se está a tornar cada vez mais claro para os médicos dentistas mais atentos, nomeadamente para os que têm responsabilidades no ensino ou nas actividades sócio-profissionais. O agravamento desta situação é inevitável pelas alterações curriculares impostas pelo Processo de Bolonha.

A reacção às dificuldades passa pela adequada formação científica e pela honestidade profissional. Para alguns, felizmente poucos, caminha por uma promoção/divulgação agressiva, à população, das suas “capacidades”, atropelando muitas vezes princípios éticos básicos.

Podemos gostar ou não das técnicas de marketing utilizadas, muitas das quais contraproducentes a prazo. Mas o que não podemos é ficar indiferentes quando são apresentadas, recorrendo à fraude descarada, como acontece no número de Setembro de 2005 da revista Saúde e Bem-Estar, em que nos são apresentados como próprios diversos casos clínicos, sem referência aos seus verdadeiros autores. No caso eram de um livro consagrado mundialmente na área da estética dentária. Um caso de plágio puro e duro.

Esperemos que o bom senso impere, e que se tomem medidas preventivas do alastramento de situações semelhantes.

Votos de Feliz Natal e de um Próspero Ano Novo.

*T.C. Sampaio Fernandes*

Sampaio Fernandes